

# ARTEIROS



## A arte de brinquedos na Baixada Fluminense

GOVERNO DO  
**ESTADO**  
RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO  
DE CULTURA

Inepac

Instituto Estadual de Patrimônio Cultural

# INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore desenvolvido pelo  
Departamento de Apoio a Projetos de Preservação Cultural

## ARTEIROS

**(O Artesanato de Brinquedos na Baixada Fluminense)**

**Pesquisa realizada pela Divisão de Folclore em 1981**

**Pesquisa de campo e redação**

Vanessa Escobar

**Fotografia**

Humberto Fransceschi

**Coordenação geral**

Cáscia Frade

**Pesquisa digitalizada em julho de 2005**

**Coordenação**

Augusto Vargas

**Projeto Gráfico**

Augusto Vargas

Felipe Brayner

Marilda Campos

**Revisão do Texto**

Marilda Campos

**Ilustrações**

Adilson Figueiredo

**Fotografias**

Acervo Inepac

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Rosinha Garotinho

**SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA**

Arnaldo Niskier

**INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC**

Marcus Monteiro

**DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE PRESERVAÇÃO CULTURAL**

Augusto Vargas

**DIVISÃO DE FOLCLORE**

Delzimar Coutinho

**ÍNDICE**

<b>Apresentação</b>	<b>4</b>
<b>Localidades pesquisadas</b>	<b>4</b>
<b>I Parte: Introdução: Baixada VS Artesanato</b>	<b>5</b>
<b>II Parte: A metodologia da pesquisa</b>	<b>7</b>
<b>III Parte: O produto como meio de expressão</b>	<b>10</b>
<b>IV Parte: A produção como meio de sobrevivência</b>	<b>25</b>
<b>V Parte: Conclusão</b>	<b>31</b>
<b>Fotografias</b>	<b>33</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>45</b>

## Apresentação

A presente pesquisa constitui um levantamento do artesanato de brinquedos na Baixada Fluminense.

Nenhum registro anterior desse gênero tinha sido feito até então. Daí a necessidade de uma investigação nesse sentido.

Durante os meses de maio a novembro de 1980, foram percorridos os seguintes municípios: Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias, com os respectivos distritos, alguns bairros e loteamentos.

A pesquisa de campo se deu praticamente nas feiras populares da região e, em alguns casos específicos, na casa dos artesãos.

A maneira como foi elaborada a parte escrita desse trabalho, obedeceu ao seguinte esquema: A introdução, intitulada *Baixada VS Artesanato*.

O interesse do tema é aí colocado, juntamente a um pequeno registro histórico da região, do passado à situação atual.

A segunda parte da pesquisa, consta da descrição da metodologia empregada, com os dados sobre as áreas percorridas, a seleção de municípios e de indivíduos, além da descrição da técnica de entrevista e o questionamento do resultado desta.

A seguir, passamos ao corpus do trabalho, ou seja, à descrição dos brinquedos encontrados e as histórias de vida dos artesãos. Esse capítulo, intitulado *O produto como meio de expressão*, contém relatos da técnica e da matéria-prima utilizada.

O capítulo posterior, denominado *A produção como meio de sobrevivência*, trata do mercado específico e da comercialização, seguido de uma conclusão.

A bibliografia consultada, ainda que pouco específica no tocante ao artesanato lúdico, serviu como instrumental para melhor colocar determinadas questões que surgiram no contato com esse universo.

O registro fotográfico constituiu um elemento de informação e documentação fundamentais em um levantamento desse gênero.

Um listagem das áreas pesquisadas completa o nosso trabalho.

## Localidades pesquisadas

*Agostinho Porto; Austin; Belford Roxo; Bernardino de Melo; Coelho da Rocha; Comendador Soares; Éden; Jardim Metrôpole; Jardim Bom Pastor; Juscelino Kubitschek; Mesquita; Nilópolis; Posse; Queimados; São Matheus; Vilar dos Telles; Xerém.*



## Baixada vs Artesanato

A história da Baixada Fluminense é tão antiga como a colonização do Brasil.

Dizem que outrora ela foi uma região muito rica, caminho obrigatório para o ouro que vinha de Minas Gerais. Foi por esse motivo que se construiu a antiga Estrada do Comércio, da qual existem algumas ruínas, com pedras de cantaria calçando toda a sua extensão, ligando o antigo porto de Iguassu a Vassouras e dali para Minas Gerais.

Iguassu era, então, Freguesia. Em 1833, o imperador elevou-a a condição de Vila e a Estrada do Comércio chegou a ser patrulhada por Tiradentes, o alferes Joaquim José da Silva Xavier.

O declínio começa quando é inaugurada a segunda linha de ferro brasileira: Campo de Sant'Ana, Queimados, em 1858. Com os trens, os portos começam a ser abandonados.

Parece que D. Pedro II gostava do lugar para passar os fins de semana, numa fazenda chamada São Bernardino, à qual se chegava por um rio navegável, desembarcando no porto e cavalgando até a fazenda.

Mas como a História não se faz com vestígios nem com boatos, os historiadores locais, Ruy Afrânio Peixoto, Waldick Pereira e Ney Alberto colocam o fato em discussão.

Em 1566, Mem de Sá doou a Cristovam de Barros, as primeiras terras iguaçuanas.

Surgiram os primeiros engenhos e o primeiro templo, erguido por padres beneditinos. A autonomia política foi proclamada em 1833. Em maio de 1891, a sede do município mudou de Vila de Iguaçú para Maxambomba.

O nome de Nova Iguaçú (conseqüência da expansão da cidade para uma zona distante do antigo porto) foi adotado em 1916. De seu grande território, limitado ao norte pelas serras de Estrela, Santana e Tinguá, e ao sul pelas de Gericinó. Marapicu e Mendanha, foram desmembrados os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis.

Até a década de 30, a Baixada era a principal região produtora de laranjas do Brasil. A derrocada veio nos anos 40, com a queda das exportações, devido à II Guerra Mundial.

Os grandes proprietários de terras deixaram a área ao abandono, vendendo ou doando suas fazendas. Começaram assim os loteamentos clandestinos, a ocupação caótica dos terrenos.

O fim do ciclo da laranja coincide com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra. A região é então cortada por estradas, que abastecem o eixo São Paulo-Rio.

O historiador Ruy Afrânio conta também que a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro dependia do Rio Acarioca, depois Carioca.

A cidade cresceu, o rio secou. Tiradentes apresentou um plano para captar as águas do Rio Maracanã. Em 1940, o Rio de Janeiro canaliza as águas de



Ribeirão das Lages, onde é feita uma segunda adutora, em 1948. Já em 1957, se começa a receber as águas do Rio Guandu.

Hoje, oito adutoras cortam a Baixada Fluminense, mas suas águas não são consumidas pela população local. Seus 3,1 milhões de habitantes (cerca de 3% da população brasileira) constitui, em grande parte, a força trabalhadora do Rio de Janeiro.

Oriunda do campo, essa população não habituada à vida urbana e impossibilitada de refazer na cidade o meio de origem, aceita as oportunidades de moradia dos municípios. Mas se omite completamente em relação à vida da comunidade. Ao baixo poder aquisitivo, soma-se a monotonia da paisagem, a urbanização precária, a insegurança da população e a criminalidade. O déficit escolar é calculado em mais de 150 mil vagas na Baixada. Duzentas mil pessoas vivem desempregadas. O serviço de transportes também é precário. A mortalidade infantil na região já chegou aos 30%.

Quais seriam as causas dessa realidade?

O processo de industrialização do País e as migrações internas, dizem os historiadores, são as causadoras do crescimento populacional da Baixada.

O início da grande explosão demográfica ocorreu na década de 50, aumentando em 60.

Segundo dados do IBGE, em 1950 a região tinha 300 mil habitantes. Em 1960, havia crescido para 700 mil. E, em 1970, já passava de 1,6 milhão.

Sem indústrias e infra-estrutura sanitária, sem escolas suficientes, com uma superfície cortada pelos loteamentos, reservas vegetais há muito devastadas, rios superpoluídos, transportes precários, incapacidade administrativa e forte dependência econômica do Rio de Janeiro, a Baixada parece uma região condenada.

Mas foi nesse cenário que fomos encontrar um artesanato de sobrevivência. Seus autores: artistas anônimos, crianças e adultos, migrantes de diferentes partes do Brasil, em sua maioria. Com a matéria-prima que encontram eles criam e perpetuam uma tradição quase extinta.

Como é feito esse artesanato, quais as suas características técnicas e expressivas, de que maneira sobrevive e como circula - eis os objetivos principais desse levantamento.

Mas para se chegar à fonte produtos e compreender as relações de trabalho, um plano teve que ser estabelecido.

Ainda que na prática de campo, tenham surgido diferentes momentos de conhecimento - o tipo de abordagem e o modelo de entrevista foi, basicamente um só.



## A Metodologia da pesquisa

Três foram os municípios da Baixada Fluminense percorridos ao longo desse levantamento: Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias.

Desse núcleo central, foram sendo conhecidos os respectivos distritos, alguns bairros e loteamentos.

Ainda que, basicamente, o tipo de contato tenha sido feito nas feiras populares, realizadas aos sábados e domingos (algumas delas, durante os dias de semana) houve casos em que a abordagem se deu fora desse espaço.

Ou seja, diretamente na casa dos artesãos e, num caso específico, num colégio.

O ponto comum desses artesãos - crianças e adultos - seria a comercialização do próprio produto. Mas a maneira de como fazem indicou variantes. Há aqueles que vão às feiras e vendem sua produção sem intermediários ou agentes. Outros, encontram formas diferentes para vender a própria criação artística.

Ao todo, foram selecionados vinte e dois informantes. Houve casos em que o tipo de produção não correspondia às características básicas de um artesanato folclórico e passava à categoria puramente comercial, com caráter já de pequena indústria. As entrevistas, então, não foram aproveitadas, uma vez que o nosso alvo principal era localizar o artesanato propriamente dito, folclórico.

No município de Nova Iguaçu, foram percorridas as seguintes localidades: Bernardino de Mello, Mesquita, Belford Roxo, Queimados, Austin, Comendador Soares, Parada Juscelino, Alto da Posse, Jardim Bom Pastor, Vila Iracema.

No município de São João de Meriti, foram pesquisadas as feiras dos seguintes locais: Coelho da Rocha, Vilar dos Telles, Agostinho Porto, São Mateus, Jardim Metrôpole, Éden e a da Rua da Matriz, no centro de São João de Meriti.

E finalmente, no município de Duque de Caxias, foram percorridas as feiras do centro de Caxias e a de Xerém.

Geralmente, as informações foram obtidas na própria área de pesquisa, em contato com as pessoas da região. Acertados o dia e o local de uma feira, imediatamente as demais eram anotadas.

O espaço em que esses artesãos expunham sua produção, variava. Alguns possuíam uma barraca, outros colocavam os brinquedos no chão, ou os exibiam fixados num mastro, ou mesmo na mão.

Não foi registrado nenhum tipo de pregão ou canto que anunciasse a presença de vendedores de brinquedos. Eles estavam lá, misturados ao cenário local, ao lado de barracas com frutos, cestos, roupas e quinquilharias. Sem obedecer a um esquema fixo, normalmente eles se colocavam logo na entrada da feira ou então no final. O porque da preferência estratégica pelas extremidades, não foi esclarecido.

Algumas crianças, em geral intermediárias dos artesãos, se movimentavam, percorrendo a feira de uma extremidade à outra, mudando constantemente de localização.



O horário das atividades era pela parte da manhã, começando bem cedo e o movimento maior, em torno das onze horas, aumentando ao meio-dia, quando atingia o apogeu.

Houve casos de feiras percorridas onde não foram encontrados brinquedos artesanais.

Também surgiram exemplos de artesãos que não quiseram responder à entrevista, pela insegurança do meio onde vivem e a possibilidade da fiscalização confiscar sua mercadorias.

Mas de uma maneira geral, a atitude era de colaboração, talvez porque o assunto abordado tocava - ainda que indiretamente - em dois assuntos essenciais: a infância e a criação artística. Se o tema tratado, de alguma forma, os ameaçasse, o resultado teria sido diverso.

De alguma maneira - partes da personalidade - que nunca vieram à tona ou sequer foram questionadas - eram recuperadas.

E isso, de alguma forma, os gratificava.

Ao recordar uma memória passada, talvez refletissem melhor o presente. Inicialmente, na tentativa de vínculo de comunicação, o brinquedo era comprado. Explica o objetivo da pesquisa (geralmente a palavra pesquisa era bem aceita e valorizada) passava-se ao questionário. Algumas crianças se inibiam com o uso do gravador. Então, o contato era de caráter mais trabalhoso, requeria um envolvimento diferente, a fim de se ganhar confiança. Alguns indivíduos pediam para ouvir a própria voz, depois de gravada.

A entrevista (feita de memória) obedecia ao seguinte roteiro:

**I - NOME DO BRINQUEDO**

**II - IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE** (idade, local de residência, naturalidade, tempo que ocorreu a migração, grau de instrução, etc)

**III - CLASSIFICAÇÃO DO BRINQUEDO**

**IV - A MATÉRIA-PRIMA** (onde era adquirida)

**V - PROCESSO E TÉCNICA DE CONFECÇÃO** (há quanto tempo o artesão faz o brinquedo, a aprendizagem, com a ajuda de quem: familiares, amigos. O local onde é feito o brinquedo, as ferramentas, a técnica, o tempo de execução).

**VI - O MERCADO** (o local de venda, o lucro, o transporte, a comercialização).

**VII - O USO DO PRÓPRIO BRINQUEDO** (se além de executarem, eles próprios se beneficiavam com a sua criação. No caso de artesãos adultos, se os parentes, filhos e netos, brincavam com a sua arte).

O esquema da entrevista, basicamente, correspondia a esse modelo, mas na prática, outras componentes apareceram, enriquecendo o todo dela. Isso acontecia, quando as histórias de vida (ou parte delas) eram questionadas e o porquê da motivação de fazer brinquedos. Ainda que a determinante principal indicava a necessidade de subsistência, o porquê da escolha desse tipo de artesanato (e não de outra forma de produção artística) indicava variantes.

Foi dito que, em alguns casos, os brinquedos encontrados, não





correspondiam às características propriamente artesanais folclóricas. Quais os critérios usados para se chegar a essa seleção? Uma vez que nenhum registro desse tipo tinha sido feito na área, o que me diz que um determinado objeto possui valor folclórico e outro não?

Saul Martins afirma que o sistema de trabalho que engloba as técnicas de artesão - se chama artesanato. E no artesanato folclórico, o tema e o tratamento são populares.

Cada artesão escolhe temas conforme suas preferências individuais, influenciadas pelo meio ambiente e pelos meios de produção da área cultural a que pertence.

Assim sendo, ele tira proveito do que encontra ao seu redor, gratuita e fartamente.

O artesanato seria, então, uma manifestação de vida comunitária, sendo, porém, um tipo de produção voluntária e pessoal.

Ele diz também que o artesanato se caracteriza pelo tratamento dado ao material empregado durante a fase de criação plástica e não pela função da peça na comunidade (lúdica, utilitária, religiosa, etc.) nem por suas características particulares (rusticidade, apuro) nem pela natureza do estímulo ou motivação que presidiu a ação humana de fazer o objeto (recreação, autoconsumo, interesse comercial, etc) nem pela localização da oficina, perto ou longe dos grandes centros de população (rural ou urbano).

Mas ainda assim, o que me faz duvidar do valor artístico de um pequeno avião de isopor e a certeza do cunho folclórico de um mamulengo ou de um carrinho de lata?

Eu poderia dizer que aí o critério foi puramente pessoal, instintivo e empírico.

Outras questões se colocaram ao longo dessa pesquisa:

Um determinado brinquedo também selecionado, por acaso não é feito em série, com o uso de formas e molde, sem apresentar nenhuma originalidade? E outras peças, embora padronizadas, são únicas e não se confundem com as demais, também feitas à mão, pela mesma pessoa e no mesmo dia?



# O produto como meio de expressão

## 1. DO CAIXOTE DA CEASA À BORBOLETA

*"Acontece que tenho problema de ouvido, tenho tonteira. Não posso apanhar condução. Aí comecei a fazer brinquedo, para poder viver"...*

### • O Brinquedo

Uma haste longa, cor de madeira natural. Na extremidade, uma borboleta, pintada com cores vivas: vermelho e verde. Quando caminha, a borboleta bate as asas. Seu corpo é de couro. E as rodas podem correr, se a criança assim desejar.

### • O Autor

Antes, ele trabalhava no comércio, numa confeitaria em Copacabana. Todo dia, tinha que tomar mais de um ônibus, de Nilópolis, onde mora, para atravessar a cidade. Aí, começou a passar mal. E teve que parar de trabalhar. O médico diagnosticou sua doença como Síndrome de Meniere. E o INPS não dá pensão, em casos semelhantes ao seu.

Tem quase 50 anos, instrução primária não concluída, o que restava a uma pessoa, como o Senhor **Armando Batista Queiroga**, fazer para viver?

Se a necessidade de sobrevivência aciona mecanismos até então inexplorados, há quem diga que o homem pensa porque tem mãos.

Passando por uma feira, viu um rapaz vendendo uma borboleta de madeira. Não soube dizer se a pessoa era do Rio ou de outra parte do Brasil. Então comprou-a e copiou-a.

O fazer é fácil. Com alguns caixotes de madeira da Ceasa, um pedaço de couro, tachinhas, alguns pregos, arame, anilina. Em uma semana, um total de 600 borboletas e mais os carrosséis, que ainda sabe fazer. Todos vendidos a 25 cruzeiros. Com o aumento do custo do material empregado, assim como da energia elétrica consumida (seja no próprio local de trabalho, durante a noite) como também pelas próprias ferramentas elétricas - o lucro é pouco. Mal dá para cobrir os gastos de material. Mas mesmo assim, vale a pena. Sua casa é a sua oficina e seu filho, seu ajudante.

As ferramentas usadas, as mais simples, serra e martelo. Seus fregueses são as crianças da região, das feiras de Edson Passos, Mesquita, Olinda, Nova Iguaçu e Nilópolis, onde faz circular sua mercadoria.

Tudo isso aconteceu há três anos, apenas. De empregado do comércio, passou a artesão de brinquedos.



## 2. DA LATA AZEITE À SALINHA DE JARDIM

*“Eu faço brinquedo para aquelas crianças que não podem comprar um mais caro”.*

- **O Brinquedo**

Uma mesa e quatro cadeiras, de linhas retas, sóbrias, despojadas. Mas extremamente leves no toque e delicadas na pintura. São vermelhas, de um tom vivo, com acabamentos brancos e uma pequena decoração (talvez uma flor estilizada ou mesmo um círculo) em amarelo e verde. O conjunto revela uma elegância, misto de sobriedade e pureza.

- **O Autor**

Talvez para "matar o tempo" ou preencher as horas vagas, foi que o Senhor **Roberto da Silva**, ex-mecânico da Aeronáutica, 55 anos, há vinte, faz brinquedos. Mesmo quando trabalhava, nos momentos livres, à noite principalmente, ele encontrava tempo para criar. E isso lhe dava prazer. Talvez observasse uma sincronização entre o que a sua mão fazia e que o seu cérebro pensava.

O material que utiliza, são os amigos e parentes que lhe dão: latas de óleo, de cozinha, dessas que "todo mundo joga fora".

O "milagre" acontece com a transformação que o martelo, o alicate, a tesoura, o pincel e as tintas dão ao material. Para fazer uma mobília, igual a essa, vendida na Feira de Mesquita, ele emprega meia hora de sua vida e a vende por 50 cruzeiros. Trabalhando sozinho, sem ajuda de ninguém, ainda tem idéia de fazer poltronas, mesas, mas com outro material, de madeira de caixotes de maçãs. Para vendê-las também fora do circuito da Baixada Fluminense, indo mais longe, até a Feira de São Cristóvão.

## 3. DA MADEIRA DE CAIXOTE À ESPREGUIÇADEIRA

*"A asma que eu trouxe da Bahia, fiquei com ela. Porque ela não tem jeito, não"...*

- **O Brinquedo**

A armação da espreguiçadeira é de madeira, pintada com tinta amarela. O tecido de algodão é de fundo branco com estampania miúda, roxa. Costurada à máquina, com linha cor de laranja. Alguns pregos e a cadeira arma e desarma.



## • O AUTOR

Ele nasceu na Bahia, 71 anos, com aparência de 50, três filhos. De Jequiçá, ele saiu com a família e parou em Belo Horizonte, mas as coisas por lá, não deram certo.

O Senhor **Clóvis Clodoaldo Barreto**, carpinteiro e pedreiro assustou-se com a doença de pulmão da mulher. Ela ficou boa. Ele não. Mas já se conformou em andar sempre com remédio à mão.

No Rio, começou a viver de biscates e depois foi trabalhar em feira, vendendo mercadorias variadas. E com isso deu pros filhos se formarem. E hoje, eles o ajudam. Porque o ganho das feiras, não dá pra viver, não.

Há uns quatro anos, talvez porque já tivesse as ferramentas em casa, dou porque não quisesse ficar parado “pra não enferrujar as juntas”, ele começou a fazer brinquedos: cadeiras, balanços, jogos de dama com tabuleiro esculpido com rosa dos ventos. Tudo isso, por brincadeira.

Não aprendeu com ninguém, porque tudo o que ele faz é por conta própria.

A madeira, ele apanha de graça, de caixotes jogados. Passa a palma, serra com serrotinho fino e coloca os pregos. A fazenda compra a peso, em casa de retalhos, no centro de Nova Iguaçu. Em uma hora, sozinho, trabalhando em casa, ele faz espreguiçadeira. Os preços variam. Se é pequena, custa 20 cruzeiros. As grandes custam de 50 a 100 cruzeiros.

Bem que ele poderia fazer tantas outras cadeiras. Mas quase ninguém compra. E foi por isso, que ele desistiu de circular nas outras feiras. Dava muita canseira. Então fica só na da Posse, onde mora. Diz também que não tem nem lugar pra guardar o material e as ferramentas que usa, que não são muitas: uma plana, o serrote, o martelo, o esquadro, a pua e a tesoura.

## 4. DA PARAÍBA À BAIXADA: As marionetes do Senhor Adauto

*"Eu vendo em minha casa, a pessoas conhecidas que fazem propaganda. Em feira, não vou. Precisa tirar permissão na Prefeitura.*

### • Os Brinquedos

Bonecos ou marionetes, feitos de papel e cola, na forma. Roupas coloridas, cabelo. Eles têm nome: Sofia. Genoveva e Vovô Felício.

### • O Autor

Artista conhecido na Baixada, **Adauto Alves Pequeno**, 64 anos, veio da Paraíba, onde nasceu, trazendo uma tradição: a de fazer marionetes e sair pelas festas de criança ou pelos colégios, criando histórias.

Há mais de trinta anos, faz brinquedos: começou assim: Quando era criança, eu passei por uma olaria e vi um barro muito bonito, trouxe um pouco pra



casa e fiz um cavalinho. Achei aquilo tão importante, ter feito aquele cavalinho. Depois de pronto, eu fiquei contente, porque acertei fazer aquilo tão direitinho.

Um rapaz viu e quis comprar. Naquele tempo, a gente não pegava em dinheiro, era vintém.

Ele perguntou: "Quanto é que você quer por esse cavalinho?"- "Um tostão".

E vendi, por um tostão, o meu cavalinho. Mas eu fiquei com pena, porque eu queria ter ficado com ele. Aí, eu fui à olaria e trouxe mais barro e fiz muita coisa: fiz cavalo, elefante, cachorro, pássaros. E no jardim da minha casa, ficou um zoológico, tinha até avestruz. Passou o tempo, eu me esqueci, fiquei rapaz, fui viver de outras coisas. Mas quando foi um certo dia, eu me desempreguei, já estava casado, eu era militar do Exército, fui da Polícia.

Então, eu me lembrei do barro, fui a uma olaria, trouxe um pouco e comecei a fazer pra ver se me lembrava. E deu certo. E o pessoal começou a gostar e a comprar. E eu fazia feira toda semana, com o dinheiro daquilo que eu fabricava. Eu viajava cinco léguas de trem pra ir vender. Isso, quando a gente tava no interior.

Depois, eu inventei de vir aqui pro Rio, em 1956. Depois, eu fui pra São Paulo, em 1958 e voltei em 1971.

Mas antes de vir pra cá, eu fui pra Manaus, passei um ano lá, onde eu já tinha morado oito anos.

E lá comecei a fazer uns bonecos. Tinha muita vontade de tornar a fazer. Lá em Manaus, eu fiz o Pimentinha, a Nega-Maluca, a Petronilha e outros que eu não trouxe e deixei por lá.

Quando cheguei aqui, comecei a trabalhar em carpintaria, numa companhia que transporta carro. Eu adoeci, passei 15 meses trabalhando numa firma sozinho, fiquei com os braços que não agüentava nem bater prego. Tive um esgotamento nervoso. Foi o tempo que eu disse:

"Vou voltar para o barro".

Comecei trabalhando, vendendo, o pessoal gostando do meu trabalho, já montei três exposições aqui, sendo que uma na Rua da Carioca.

Quando os bonecos mudam de dono, é ele quem põe os nomes.

O Vovô Felício é diferente porque eu fiz com que ele abrisse a boca. Então, tem uma haste no meio.

O material: papel, farinha de trigo pra fazer a cola, uma pele de coelho que foi uma blusa do meu netinho. Eu arranquei a pele, pra fazer o boneco.

A gente segura, bota esses dois dedos do lado das mãos e com os outros três, a gente segura aquela haste que dá o movimento.

O modelo da forma, eu tiro no gesso, porque fica melhor da gente fazer. Mas pode ser em barro também. Elas são feitas em alto relevo. Sendo de barro, a gente tem de fazer de fora para dentro. Mas a de gesso é de dentro para fora. Molho o papel, ponho a primeira camada toda de papel molhado, mas eu deixo um pouco d'água dentro da forma, pra ir molhando senão "garra". Depois que estiver tudo coberto de papel com cola. Quando seca, a gente tira. Se quiser fazer esse movimento na boca, corta, faz a engrenagem lá dentro, com arame e uma



mola. Esse pedaço de madeira é pra segurar aqui na cabeça. Depois fecha as duas bandinhas e imasso, com massa de automóvel porque seca mais rápido.

As orelhas, eu pego o papel, passo cola e corto em papel de pão. Eu misturo também com papel de jornal, saca de supermercado ou de cimento.

Se o dia estiver bom, eu faço agora e dentro de uma hora, esta sequinho. Então, eu tiro; se preciso, eu faço a engrenagem, senão eu colo umas bandinhas.

Eu pinto com tinta a óleo, fosca, com pincel, pra não dar brilho. Depois, eu prego o cabelo, faço a roupa, de retalhos. Vendo os bonecos a 300 cruzeiros.

As mãos, faço uma massa de papel higiênico, deixado de molho, que é mais flexível, num instante, desmancha. A gente bate bem batido, fica aquela pasta. Passa uma cola de farinha de trigo bem dura, com vinagre e lisofórmio, pra ficar bem resistente. Pode até botar dentro d'água, que não desmancha e então faz as mãos.

Eu dou espetáculos por aí afora, nos colégios e aniversários. Eu invento as histórias. Às vezes, vou sem ter inventado. Quando chega na hora eu crio uma história.

No Natal, eu faço presépios de barro. Com o lucro das vendas, eu vou pondo aqui, em casa, mesmo.

Tiro um pouco pros mantimentos da casa.

Meus filhos, não brincam mais, mas os netos sim, é que se divertem.

## 5. DO ISOPOR AO AVIÃO

*"Custa vinte cruzeiros.  
Mas se a criança chora, ou  
quando está doente, agente  
vende a menos".*

### • O Brinquedo

Isopor, barbante, tinta guache, uma linha. E o avião faz acrobacias pelos céus da Baixada. Cola, não se usa, porque é feito todo de encaixe.

### • Os Autores

**Moacir Gomes Pereira**, 52 anos, natural de Santa Bárbara, Estado do Rio, trabalhava antes com a enxada.

Seus dois filhos, um motorista, o outro faxineiro, no Galeão, tiram a forma do avião, riscam, cortam. Com isopor de cinco milímetros. E ele coloca a linha. Diz que a sua vista é curta, mas mesmo assim, dá pra ajudar. O material é comprado em papelaria. Muito tempo pra fazer, eles não têm porque trabalham a semana toda.

Só sábado e domingo. Mas quem vende nas feiras é o Senhor Moacir. E quando tem praia, ele vai até lá. Já apareceu até em televisão.

Diz que o modelo foi os filhos que inventaram, mesmo sendo um tipo de brinquedo que quase toda a Baixada anda copiando. Fazer é fácil, o avião arma e



desarma. Mas como a situação está difícil, não anda vendendo muito, não.

Transporta a sua mercadoria numa sacola e pega o ônibus do bairro Cabuçu, município de Nova Iguaçu, onde vive, até a Posse, onde vende.

**Hermídio Rodrigues Corrêa** nasceu em São Cristóvão, no Rio, há 58 anos. Trabalhava como gráfico, fazia caderno, livro, tudo o que era material escolar. Como a gráfica faliu e estava faltando pouco tempo de serviço, para a aposentadoria, entrou para um coletivo, como cobrador de ônibus. Isso aconteceu, há cinco anos.

Um compadre seu lhe propôs ganhar uns trocados. No princípio, saía um pouco torto. Mas depois ele foi ganhando jeito, aperfeiçoando e hoje, vende bem.

Cada avião, custa dez cruzeiros e por feira, saem em média de 50. Circula em São João de Meriti, pela praia de Ramos ou na Ilha do Governador.

Cursou o 5º ano primário e antes nunca tinha feito brinquedo.

## 6. DO BARRO À CIGARRA QUE CANTA

*"O dinheiro que eu ganho, eu reparto com a minha mãe".*

### • O Brinquedo

A cigarra, também chamada rói-rói, é de origem nordestina. Foi parar na Baixada, com os migrantes que vieram do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco e de tantos outros pontos do Nordeste.

Feita de barro, papel crepom pano, breu, sisal, cola, uma cordinha e uma varinha. Ela canta e ressoa.

### • O Autor

**Francisco de Souza**, 12 anos, nasceu no Rio, mas sua família, veio do Ceará e mora no loteamento do Jardim Bom Pastor, no município de Nova Iguaçu.

Ele estuda, está na 5ª série, e trabalha, fazendo cigarras, que aprendeu com o tio, Zé Maria.

Todo domingo, vai às feiras de Queimados, Nova Iguaçu. E diz que todos trabalham em sua casa, fazendo brinquedos: seu pai, sua mãe, seus irmãos. Há sete anos, começou a fazer cigarras e não parou mais. O barro, apanha numa lagoa, perto de casa. Com o cabo de uma vassoura, faz o círculo da cigarra. Depois corta com a faca, quando estiver seco. Coloca o papel crepom, a goma e o pano. Em seguida, o sisal e o breu. E uma semana, faz umas quinhentas cigarras e cobra dez cruzeiros, cada.

Faz outros brinquedos, tais como avião e helicóptero de lata, que também aprendeu com a mãe.



## 7. DAS LATAS ACHADAS NA RUA AO AVIÃOZINHO

*"Foi meu pai quem me ensinou.  
Hoje, ele não faz mais  
Quem faz, sou eu.  
Mas quem vai vender nas  
feiras é meu garoto e o  
meu marido".*

### • O Brinquedo

Feito de lata, de óleo de soja, de cores brilhantes: vermelho, amarelo. A cauda é de cartolina. As rodas, de borracha. Tem também arame, linha e um barbante.

### • A Autora

**Dona Tereza Araújo de Souza**, 35 anos, nasceu na Serra do Martins, no Rio Grande do Norte. Sua mãe morava no Rio, então deu vontade de vir pra junto dela e, há quinze anos, ela migrou para a Baixada.

Veio casada, mas Francisco, seu filho, já nasceu aqui. Além das cigarras, que ela aprendeu a fazer com uns vizinhos, no Nordeste, ela faz avião de lata. Antes, ela tentou umas cadeiras de flandres, mas não teve muita saída.

Sem cursar escola, nem mesmo trabalhar fora, só cuida da casa e das crianças. Faz brinquedos pra ajudar o marido, porque o ganho dele é pouco. Os meninos vão pegar as latas na rua, ela manda eles abrirem, depois de aberta, marca. Corta com a tesoura e coloca as rodinhas de borracha, o arame, a cartolina, comprada na papelaria. As ferramentas são simples: tesoura, alicate, prego e martelo. E o avião custa 15 cruzeiros.

Antes, ela fazia uns cem por semana. Agora, um pouco menos. Com os que sobram das vendas, seus filhos brincam em casa.

## 8. DAS LATAS DE ÓLEO AO CAMINHÃO

*"Não cursei escola, não.  
Há vinte anos, estou aqui.  
Nasci no Ceará. Minha profissão?  
Sou fabricante de carrinhos."*

### • O Brinquedo

Um caminhão feito de lata de óleo, pintado de vermelho e preto. As rodas são de madeira e a armação também.

### • O Autor

**José Maria Batista de Araújo**, irmão de Tereza, tio de Francisco, seguiu a tradição da família, que começou com o pai. Foi o único artesão que se confessou





"fabricante de carrinhos" e vive somente disso. Está com 25 anos e nasceu em Fortaleza, no Ceará. Chegou criança, de lá.

O processo de execução é igual a todos aqueles que trabalham com sucata. Pega a lata, lava-a, abre-a, recorta-a com tesoura comum, revira todo o carro.

A madeira das rodas é comprada, serrada na medida certa, arma, depois pinta com tinta a óleo, que compra em loja de ferragens. Pinta com pincel. Além da tesoura, usa alicate, viradeira e martelo. Por semana, faz um total de oitenta caminhões e vende a cinquenta cruzeiros.

Parece que ele não tem pressa de vender muitos. O ganho é de acordo com a produção normal.

Nos domingos, sai pelas feiras de Morro Agudo, Nova Iguaçu, Nilópolis, Alcântara, Neves, Engenheiro Pedreira.

Além dos objetos de lata, também faz carrossel de madeira. Cada semana, trabalha com um material, alternando lata e madeira. Senão, não dá tempo.

## 9. DAS LATAS DE ÓLEO DIESEL AO CARRO DE QUATRO JANELAS

*"Se uma criança se machuca na hora que eu vender os meus carrinhos, eu sou o responsável".*

### • O Brinquedo

Um carro de quatro janelas de lata de óleo Diesel, pintado com cores vivas: azul-celeste e cor de laranja.

Armação e rodas de madeira. E o assento dianteiro também de lata.

### • O Autor

**José Cosmo Pereira**, 38 anos, veio de Angicos, Rio Grande do Norte, procurando melhores condições de trabalho.

É pedreiro. Enquanto der pra ir vivendo, não pretende deixar a Baixada. Mora no Jardim Bom Pastor, ele, a mulher e os três filhos. Começou a fazer brinquedos, porque precisava aumentar a renda da família. Aprendeu com um amigo, de nome Erivaldo, que já voltou para o Nordeste.

A maneira de fazer é igual à de tantos outros artesãos.

Em uma hora, sai pronto um carro e, por semana, uma base de vinte a trinta. Vende por cinquenta cruzeiros, cada. Aos domingos, sai com a família pelas feiras de Nova Holanda, Jardim Metrópole, Queimados, Morro Agudo, Gramacho. No Natal, o lucro é maior.

Nunca frequentou escola. "Só a inteligência, mesmo. Graças a Deus, tem muita", diz ele.



## 10. DO PAPEL DA CASA MATTOS AOS CATAVENTOS

*“Com quem eu aprendi a fazer?  
Com ninguém. Comprei uns e pensei:  
Curioso, em vez de comprar, eu vou fazer também.”*

O material, ele compra na Casa Mattos. A vareta de bambu, se acha pelos cantos. O arame, se compra, a quilo. E o canudinho, é de refrigerante. Dependendo da cara do freguês, ele o vende a dez ou vinte cruzeiros. A noite é sua hora de trabalhar. Em duas horas, ficam prontos duzentos cataventos. E as feiras que ele freqüenta são: Engenheiro Pedreira, Queimados, Paracambi.

## 11. LATAS DE ÓLEO QUE SE TRANSFORMAM EM AVIÃO

*"Nasci no dia 10 de maio.  
Mas o canto, não sei. Aprendi a fazer  
com meus primos, de Pernambuco."*

- **O Brinquedo**

Um aviãozinho de lata, de cor dourada. Como detalhe novo, as asas mais largas, um desenho na cauda de cartolina e uma hélice estilizada, **na extremidade**.

- **O Autor**

**Carlos José Ramos de Souza**, 13 anos, estuda na 5ª série de um colégio em Austin, onde vive.

Há três anos, faz avião de lata e vende a cinco cruzeiros. Aprendeu com os primos de Pernambuco, que migraram há uns sete anos para a Baixada. Só que agora eles não fazem mais. O mais novo está com 19 anos e trabalha na Aeronáutica.

A lata do avião ele acha na rua, corta com tesoura comum, risca, compra cartolina e linha. As ferramentas? Martelo, prego, alicate, tesoura. E 150 aviões, por semana é a sua cota.

Não se restringe só ao circuito das feiras da Baixada. De vez em quando, vai vender na Central, em São Cristóvão, em Padre Miguel, sozinho, em companhia do irmão ou de uma tia. Mas brincar, ele não brinca. Diz que não tem mais brinquedo. Só estuda e trabalha. Com o dinheiro, compra roupa e ajuda em casa.



## 12. A ESPUMA E O BARRO QUE VIERAM A DAR EM RATO

*"Com o dinheiro que eu ganho,  
ajudo meu pai comprar uma coisas  
pra dentro de casa."*

### • O Brinquedo

Um rato de espuma, com base de papelão. Dentro, um dispositivo de barro tipo carretel que faz o rato andar, presa uma linha. A espuma é azul, com desenhos vermelhos. Uma linha e alguns desenhos completam o brinquedo.

### • Os Autores

**Juvercino Soares do Nascimento**, 10 anos, nasceu no Rio, mora em Queimados e está na 3ª. série do Grupo Luís Guimarães.

Seu pai é mecânico em Nova Iguaçu. Tem seis irmãos, ele é o mais novo. Há pouco tempo começou a fazer brinquedos e aprendeu sozinho.

A técnica é simples. Recorta o papelão e a espuma, com a tesoura. Depois vem a cola, o arame. Enquanto isso, o barro que ele foi apanhar numa lagoa está secando. Depois de pronto, deixa tudo exposto numa tábua, pra acabar de secar. A etapa seguinte é sair para a feira e vender a oito cruzeiros. Em dois dias, consegue fazer uns vinte ratos. Dos brinquedos que faz, separou um somente, o preferido, para brincar.

Trabalha com o pai, compra o material em Nova Iguaçu, numa fábrica de lá e diz que gosta muito de fazer brinquedos .

**Nelson Alves Pereira**, 45 anos, residente em Vila de Cava, trabalhava como guarda de obras. Adoeceu e tem cinqüenta internações na Casa de Saúde Dr. Eiras. Foi lá que aprendeu a fazer brinquedos com a assistente social.

Além dos ratos, está fabricando carrinho de lata de leite Ninho.

Diz que o trabalho das vendas nas feiras é muito perturbado pela fiscalização. Além da taxa de 75 cruzeiros por chão, no correr do dia, tem os extras que os guardas cobram.

Há quatro anos começou a fazer brinquedos. Vende em feiras como as de Belford Roxo, Pavuna e Coelho da Rocha e também por atacado. Numa feira boa, faz um total de 500 cruzeiros.

As crianças são os melhores compradores. Começam a chorar e as mães compram. Tem um casal de filhos, que brincam com os seus brinquedos.

Apesar das internações freqüentes, continua trabalhando.



## 13. CAIXOTE DAS CASAS SENDAS QUE SE TRANSFORMAM EM CORROSSEL

*"A madeira, eu compro das Casas Sendas. As latas, a gente acha no lixo. O arame e o prego, nas casas de material. As tintas, em papelaria."*

- **O Brinquedo**

Chama-se carrossel o brinquedo. Isso por causa do movimento circular das chapinhas de lata. Feito em madeira de caixote, ele tem uma haste longa, montada numa armação também de madeira. Quando anda, ele agita as chapinhas e produz um som característico. As rodas também são de madeira, pintadas com anilina. Um arame prende as chapinhas na base.

- **O Autor**

**Mauro** tem 15 anos e mora em Queimados. Seu pai é mineiro e vive fabricando carrinhos. Não soube dizer seu sobrenome e ainda não entrou no colégio.

Ele e os dois irmãos mais velhos sempre fizeram carrosséis e carrinhos.

Enquanto a irmã vende na feira de Engenheiro Pedreira, ele vende em Queimados. A produção em sua casa é grande. Por dia, saem prontos cem carrosséis.

A madeira de caixote é passada na lixadeira depois se pregam as latas, com arame. Usa martelo, prego e tinta e anilina. E vende a dez, quinze ou vinte cruzeiros, dependendo da cara do freguês. E o transporte é feito de ônibus.

## 14. DOS PLÁSTICOS À BOLA DE FUTEBOL

*"Umás coisas, eu vi os outros fazendo. outras eu comprei, olhei detalhe por detalhe e copiei. outras, eu criei."*

- **O Brinquedo**

Uma bola, feita de plásticos, cortados em tiras, costurados à máquina. os plásticos são de cores lisas e estampadas. Dentro, uma outra bola, de soprar, dessas de aniversário de criança.



- **O AUTOR**

**Josafá Silva**, 35 anos, mecânico de aviação, diz que faz brinquedos por biscate, pra ajudar no orçamento da casa. Aprendeu olhando, copiando dos outros brinquedos vendidos em feiras.

Nasceu no Rio, mora em Belford Roxo e é pai de um casal de filhos, que brinca com os brinquedos criados por ele.

Faz catavento, cigarra e bola de plástico. Vende bem, mas a época melhor é o Sete de Setembro, Natal e época de festa religiosa.

O material ele compra em casa de plástico, costura à máquina e vende por vinte cruzeiros. Se o material custa caro, o preço do brinquedo aumenta.

Há dez anos começou a fazer brinquedos e cursou até o 2º ano ginasial.

## 15. DA MADEIRA DE PINHO AO COFRE DE MOEDAS

*"Quem gosta mais são as crianças  
mas os adultos é que pagam."*

- **O Brinquedo**

Um cofre feito de madeira de pinho, envernizado. Colado em cima da caixa, um decalque. Para tirar as moedas, tem que usar chave de fenda, para abrir.

- **O Autor**

**Washington**, de 48 anos faz cofres, malas e dá para a sua sobrinha **Maria Antonia da Silva Pinto**, que também é sua ajudante, para vender na feira de Belford Roxo.

Bastante trabalhada, a caixa é de madeira de pinho, serrada e envernizada. Depois passa tudo na lixadeira, coloca os pregos. O corte, no centro da caixa é feito com uma máquina especial. Os preços variam: vinte, quinze e as maiores, chegam até a 250 cruzeiros, por ser um tipo de artesanato mais trabalhoso.

O tio freqüenta outras feiras e vive do produto das suas vendas. Para retirar as moedas, precisa-se usar chave de fenda e as moedas caem. Nem precisa abrir toda e torna-se a ter com martelo para fechá-la.

## 16. ANTES ERA PAPEL E BAMBU, DEPOIS VIROU PIPA

*"Pra botar ela no ar, é preciso duas  
pessoas. Uma leva a pipa, depois solta,  
a gente puxa, ela sobe  
e fica no ar."*

- **O Brinquedo**

Uma pipa de papel, quadriculado em laranja, branco e marrom. A armação, de quatro varetas, feita de bambu. A rabiola é de papel de jornal.



- **O Autor**

**Anderson dos Santos Souza**, 11 anos, nasceu em Nova Iguaçu e mora no bairro de Vista Alegre. Estuda no Colégio Leopoldo e cursa a 6ª série.

Ganhou o 2º lugar num concurso de pipa da sua escola.

O material ele o compra numa papelaria do bairro: papel, cola, linha. Aprendeu a fazer sozinho, olhando os amigos das redondezas.

Embora seu tipo de comércio seja diferente das crianças que vão à feira, ele expõe seu trabalho no muro de casa. E vende a cinco ou seis cruzeiros, guardando o lucro para si.

Numa disputa de pipa no céu, vence quem derruba o outro. E tudo isso dura de três a quatro minutos.

## **17. ISOPOR E PAPEL ANTES; AVIÃO E CATAVENTO, DEPOIS**

*"Meus pais vieram de Minas.  
Eu já nasci aqui.  
Ninguém fazia brinquedo, não.  
Pessoal de roça, só sabe mesmo -  
é pegar em enxada."*

- **O Brinquedo**

Catavento de papel, de várias cores com haste de bambu e canudinho de refresco. Como detalhe decorativo, um círculo, também de papel, no acabamento.

- **O Autor**

**Nelson Costa**, 40 anos, nasceu em Queimados, Baixada Fluminense e mora em Engenheiro Pedreira.

Em casa ninguém fazia brinquedo. "O único inteligente, sou eu", diz convicto.

Antes, trabalhava em almoxarifado, numa indústria, em Copacabana. Aí adoeceu: problema de cabeça e de nervo, explica. Foi internado, mas se recuperou. Aprendeu a fazer brinquedos, olhando as pessoas vendendo na feira. Comprou um catavento, chegou em casa, tirou a forma. E o resto, a inteligência fez.

Atualmente, vive disso, ele e a família de sete filhos. Eles não brincam mais com seus brinquedos porque estão cansados de ver. Mas ajudam, na hora de fazer.



## 18. DAS LATAS DE ÓLEO AO HELICÓPTERO

*"Eu vendo em todo canto.  
Em feira, em praia. Até mesmo  
a do Flamengo.  
Lá vendo mais do que aqui,  
em São João de Meriti".*

- **O Brinquedo**

Um helicóptero feito de lata de óleo. Arame, papelão e uma cordinha. E ele voa, pelos ares.

- **O Autor**

**Marcos Castilho da Silva**, 14 anos, nasceu em Vilar dos Telles, na Baixada Fluminense e mora em Miguel Couto. Está na 4ª quarta série e, como tantos meninos da sua idade que moram na região, trabalha para ajudar a família.

Há dois anos, começou a fazer brinquedo. Comprou um helicóptero e copiou, como a maioria dos artesãos.

Dez latas de óleo custam 20 cruzeiros. O quilo do arame, a cem cruzeiros. A cartolina, vinte cruzeiros, a folha.

Trabalha durante o dia, depois que chega em casa. Tesoura e alicate são os seus instrumentos.

Cada helicóptero custa vinte cruzeiros e o dinheiro ele dá pra ajudar em casa. O pai é pedreiro, tem dois irmãos. O seu lucro pessoal, que é pouco, ele leva pra a escola.

## 19. DO ISOPOR AO AVIÃO

*"Compadre, você quer ganhar uns  
trocados? Aí, ele pegou e me deu um avião.  
Eu comprei material  
e comecei a cortar do jeito  
que ele falou".*

- **O Brinquedo**

Um avião de isopor, de cinco milímetros, igual a tantos outros da Baixada. Feito de encaixe e decorado com tinta guache.



- **O Autor**

**Hermíndio Rodrigues Correa** nasceu em São Cristóvão, no Rio, há 58 anos. Trabalhava como gráfico, fazia caderno, livro, tudo o que era material escolar. Como a gráfica faliu e estava faltando pouco tempo de serviço para a aposentadoria, entrou para um coletivo, como cobrador de ônibus. Isso aconteceu, há cinco anos. Um compadre seu lhe propôs ganhar uns trocados. No princípio, saía um pouco torto. Mas depois ele foi ganhando jeito, aperfeiçoando e hoje, vende bem.

Cada avião, custa dez cruzeiros e por feira, saem uma média de 50. Circula em São João de Meriti, pela praia de Ramos ou na Ilha do Governador.

Cursou até o 5º ano primário e antes nunca tinha feito brinquedo.

## 20. DOS TRAJOS À BONECA DE PANO

*"Eu nasci em Pombal.  
Eu vim pro Rio, porque meu marido  
veio procurar trabalho.  
Ele era electricista.  
Mas hoje está morto".*

- **O Brinquedo**

Uma boneca de pano, cabelo de malha desfiada, feições bordadas. O enchimento é de trajos, o vestido, com tecidos variados: algodão e lamê.

- **A Autora**

**Dona Rita de Souza Luís** tem 50 anos, nasceu na Paraíba e há vinte e seis anos está no Rio. Veio com o marido, à procura de melhores condições de vida.

Como é viúva, hoje ela vende suas bonecas numa barraca da Feira de Caxias, às vezes alterna com a de Belfond-Roxo e Areia Branca.

Antes, costurava para fábrica, depois começou a fazer bonecas. Mas teve um tempo que parar, porque tinha problema de coluna. Depois, recomeçou.

Aprendeu a fazer boneca de pano, com a sogra, na Paraíba.

Sua técnica: corta o corpo, costura à máquina, vira pelo direito, prega a cabeça. Enche com trapo mesmo. O cabelo é de malha desfiada. As feições são de linha de bordar. Em dez minutos, ela faz uma boneca. Por semana, de vinte e cinco a trinta.

Com o produto das suas vendas, ela ajuda em casa. Seus filhos são todos maiores e os netos e que brincam com as bonecas. Qualquer tipo de pano, serve. E basta a tesoura, a agulha e o dedal, como instrumentos de trabalho.





## 21. DO BARRO QUE, COM FORMAS, VIRA MACACO

*"Isso é um quebra-galho pra ganhar um dinheirinho e não ficar parado. Esse é o famoso macaco da Bahia. Qualquer criança brinca e se diverte."*

- **O Brinquedo**

Um macaco de barro, feito em forma. Os braços e as pernas são de arame. No peito, um escudo do Flamengo. É pintado com tinta a óleo.

- **O Autor**

**Alexandre Lopes de Miranda**, 35 anos, nasceu no Belém do Pará e veio com 1 ano de idade para o Rio porque a família procurava mais trabalho.

É fotógrafo, trabalha e mora em Caxias. Aprendeu a fazer brinquedo, com um amigo. O macaco da Bahia, como ele intitulou, também serve para colocar em carro. São cinco formas que ele alterna.

O barro apanha perto de casa. Pinta com tinta a óleo. O escudo é feito de decalque. Trabalha com a ajuda de um amigo e diz que faz brinquedo por divertimento.

Por semana, saem 200 a 300 macacos, que são vendidos a quinze ou a vinte cruzeiros, na Feira de Caxias.

E as crianças, são os maiores compradores.

## A produção como meio de sobrevivência

Examinados vinte e dois depoimentos de artesãos de brinquedos, colhidos durante a pesquisa de campo, deparamo-nos com alguns textos mais densos em dados biográficos, ou mesmo relatos de técnica. Um deles foi conservado na íntegra, pela riqueza de detalhes e espontaneidade com que foi colhido. É o de **Adauto Alves Pequeno**, autor das marionetes.

Outros, menos completos em dados e mais difíceis de serem obtidos, seja pelas razões mencionadas anteriormente, ou mesmo, pelas dificuldades do local.

Alguns deles, devendo interromper momentaneamente suas vendas, para dar a entrevista, o faziam apressadamente, já que significava a perda eventual de algum freguês.

Mesmo assim, densos ou incompletos - os relatos nos dão indicações para o entendimento, a reflexão e a análise do universo pesquisado.

Inicialmente, veremos as determinantes ou fatores causais do artesanato lúdico encontrado na Baixada Fluminense.

Porque se faz brinquedos? Qual seria a razão específica que determina a escolha desse tipo de atividade, em meio a tantas outras manifestações artesanais?

Apareceu muito claramente, em meio aos depoimentos obtidos, a necessidade de subsistência, como fator causal.



Eis algumas categorias encontradas, para definir essa realidade:

- *Preciso ajudar no aumento da renda familiar;*
- *Fiquei doente, tive que parar de trabalhar;*
- *Uma maneira de ganhar uns trocados;*
- *Precisava me "virar";*
- *Uma forma de preencher o tempo livre;*
- *Não queria ficar parado;*
- *Um "quebra-galho";*
- *Uma forma de divertimento*

Ainda que algumas dessas categorias sejam automaticamente correlacionadas, por uma mera questão de escolha metodológica, preferimos colocá-las na forma como apareceram, na sua linguagem natural.

Todas elas abrangem uma outra maior, clara e nítida: a sobrevivência.

O fazer brinquedos, a opção artesanal, indica indiretamente uma saída, um impulso de motilidade à estase do ficar parado, da inatividade, do desemprego.

No tocante à técnica, vimos também que o artesanato de brinquedos nasce de forma espontânea, sem passar pelo filtro da aprendizagem institucional.

Apenas um artesão aprendeu por intermédio de uma assistente social, em hospital.

Dois, são os processos principais de aquisição da técnica: a observação e a imitação do objeto copiado.

Alguns artesãos afirmaram, claramente, que chegaram a comprar o brinquedo na feira e, em casa, os desmontaram, observando peça por peça, cada item e detalhe.

Outros artistas, as crianças, principalmente, descendentes de migrantes nordestinos (portanto, uma geração já nascida na Baixada, posterior à migração) disseram que aprenderam com os parentes mais velhos: tios, primos e pais.

O exercício, ou prática inicial da matéria aprendida se deu, através do convívio familiar. Poderíamos dizer que essa forma de execução passa pelo fio condutor da tradição. Deslocados do meio ambiente, muitas vezes o grupo feminino e os menores não têm o que fazer durante todo o ano. Intervalos, às vezes longos, de desocupação por falta de serviço. É o que diz Saul Martins :

"A produção de objetos de arte popular, feitos especialmente com matéria-prima disponível e gratuita, seria um meio fácil, seguro e rendoso de preencher o tempo vago e obter essa mão-de-obra ociosa, com reflexo imediato na elevação do padrão de vida e valorização do homem".



Acontece que atividade segura e rendosa não é. Nem mesmo a matéria-prima é tão gratuita e disponível assim nos recônditos da Baixada Fluminense. A maioria dos artesãos afirmou que mesmo as latas de óleo e os caixotes de madeira são comprados .

Qual seria, então, a razão por que o fazem?

Vimos também que muitas das pessoas que fabricam brinquedos já tiveram ou mesmo têm, no presente, alguma experiência com a atividade manual. Ou foram carpinteiros, costureiras , mecânicos ou mesmo gráficos.

Aqueles a quem a atividade manual apareceu aparentemente de surpresa, de um momento para o outro, indicaram o fator doença e a impossibilidade de continuar seus antigos trabalhos. Coincidência termos encontrado em alguns casos de doenças de origem nervosa, a constante, mencionada, de que seus trabalhos anteriores, de alguma forma os mantinham ligados a uma situação de controle e tensão.

Exemplo disso: Adauto Alves Pequeno tinha sido da Polícia; Nelson Alves Pereira era vigia de obras; Nelson Costa, havia trabalhado em almoxarifado de uma indústria e todo o material estava sob a sua responsabilidade.

Assim, o limite daquilo que poderíamos chamar de capacidade de adaptação tendo atingido seu ponto máximo, e dali tendo ocorrido a desintegração, como mobilizar as forças ou mecanismos restauradores?

O criar, o dar formas, a ordenação dos elementos encontrados em estado bruto, de alguma maneira - regenera, conforta, tranqüiliza.

Um outro fator psicológico positivo é o critério econômico que assinala que no artesanato não existe a dicotomia capital e trabalho. O artesão controla sozinho as forças produtivas. Não tendo mais patrão ou nenhum outro vínculo de trabalho assalariado, ele conta somente consigo próprio, sua imaginação, habilidade e domínio da técnica.

A capacidade criadora, em alguns casos, nasce em um momento de crise, como resposta a uma situação conflitante.

E nas crianças, como se desenvolve a criação artística?

Mário Pedrosa em "Dimensões da Arte" dá o seu testemunho, falando na dolorosa experiência, fundada em longos, longuíssimos anos de observações, investigações e pesquisas nos campos das atividades artísticas da criança, é que a insistência na perícia técnica basta para causar a atrofia do poder criador por falta de atividade. À medida que o menino cresce, o seu poder criador minguia.

Observamos em algumas entrevistas que, aquelas crianças que aprenderam a atividade artesanal através do meio familiar, mencionaram que alguns parentes, tendo chegado à idade de procurar outras formas de trabalho, abandonaram o fazer brinquedos.

Dessa maneira, vemos claramente que a atividade artesanal pode nascer espontaneamente por tradição familiar e, chegada a idade adulta, ela é bloqueada.

Como também vimos que ela surge em um momento de dificuldade existencial e necessidade imperiosa de sobrevivência.



Há também aqueles indivíduos que fazem brinquedos como suplemento da renda familiar, como algo paralelo, mesmo conservando sua primitiva forma de trabalho.

Poucos ou quase nenhum dos artesãos sempre fizeram brinquedos. Talvez um caso encontrado, o de **José Maria Batista de Araújo**, do Bairro Redentor, em Nova Iguaçu, tenha se dedicado somente a essa forma de atividade artesanal, durante todo o curso de sua vida.

De qualquer maneira, vimos que as crianças artesãs, o fazem já com um sentido nitidamente profissional, com a consciência clara de que aquilo é uma forma de subsistência, de que estão em pé de igualdade com os adultos, de que não têm mais tempo para brincar. Mesmo um artesão, o menino **Juvecino Soares do Nascimento**, de 10 anos, residente em Queimados, afirmou que separou um somente, dos seus ratos de espuma para brincar quando tem tempo.

São crianças, geralmente de aspecto adulto, mas, em geral, atrasadas em relação à idade cronológica ao rendimento escolar. Embora todos eles estudem (somente um ainda não foi alfabetizado, é o caso do menino Mauro), eles o fazem com dificuldades, não só pelas razões socioeconômicas do meio ambiente a que pertencem, como pela subnutrição a que são submetidos.

E o fato de brincarem pouco, ou quase nada, de que maneira os afetará na idade adulta?

Talvez seja quase um "milagre" que na Baixada Fluminense, onde se convive desde cedo com a criminalidade, a fome, e a morte (só no ano de 1980, morreram duas mil pessoas, assassinadas), existem crianças que estudam, criam e da sua criação fazem uma forma de trabalho. Ainda que a "carência lúdica", como diz Acrísio Cruz produza a escolaridade difícil ou deficiente, ela só se verifica quando a criança não pode brincar por motivos independentes da própria vontade.

Mas no prefácio de "Arte, Folclore e Subdesenvolvimento", Roger Bastide diz algo diferente: "A cultura não paira no ar; ela varia com os gêneros de vida e depende dos modos de produção; ela corresponde a certas necessidades, de acordo com determinado tipo de sociedade, aldeã para as zonas rurais e artesanal para outras zonas; necessidade de solidariedade, de segurança, de distração e de compensação.

E a angústia da fome cria, com todo o cortejo de misérias que a acompanha, um folclore mágico da sobrevivência. E concluiu.

Todo folclore organizado de comunidades rurais comporta um setor mágico ou religioso, ligado à subalimentação crônica".

E as mulheres, de que maneira o fazem? Como é percebida por elas, a atividade artesanal lúdica?

Ainda que alguns depoimentos femininos tenham sido colhidos, não foi registrado a presença das mulheres nas feiras, em quantidade suficiente que possibilitasse uma amostragem razoável.



A feira não é um espaço marcadamente feminino, do ponto de vista do vendedor. Não é que as mulheres não façam brinquedos. Elas o fazem em casa, mas os dão para os filhos, maridos e parentes, para venderem. Dificilmente, elas vão sozinhas ao local de venda. Geralmente isso acontece, quando são viúvas e constituem, elas próprias, arrimo familiar. É o caso de **Dona Rita de Souza Luís**, 50 anos, de Areia Branca, que colocou sua barraca na Feira de Caxias. **Dona Tereza Araújo de Souza**, mãe do menino Francisco e irmã de Zé Maria, não comparece. Ela fica cuidando de casa e quem vai é o marido e o filho.

São também as crianças, os maiores extratores da matéria-prima utilizada na confecção dos brinquedos. São elas que procuram, recolhem e apanham todo tipo de sucata aproveitável. Mesmo para aquele tipo de brinquedo com uma porcentagem de 50% de material de sucata e o restante com material virgem adquirido em papelaria, ou loja de ferragens, são elas que vão comprá-los para os pais.

Isso quando o sistema familiar permite a prática coletiva de trabalho. Existem artesãos que trabalham sozinhos, com pouca ou nenhuma ajuda dos parentes. De qualquer maneira, a atividade artesanal envolve uma dinâmica de grupo, com diferentes etapas de execução, da extração da matéria-prima ao produto final.

Achada ou comprada, a matéria-prima é de fácil tratamento.

No caso das latas, o lavar, o abrir e o desamassar são feitos com o auxílio de ferramentas elementares, às vezes executadas pelos próprios artesãos.

Poucos ou quase nenhum dos exemplos citados utiliza matéria-prima nobre, ou de custo mais elevado. Um carpinteiro, o Senhor **Washington** ao fazer seus cofres e malas, utiliza o cedro que é uma madeira de qualidade melhor. E a execução do seu artesanato, abrange uma técnica mais trabalhosa. No restante, dos brinquedos encontrados, vimos claramente o uso de matéria-prima variada, da espuma, ao isopor, passando pelo plástico, sobras de pano e papel.

E também o barro, que constitui um material encontrado nas redondezas e de fácil tratamento. Alguns brinquedos são de técnica mista, levando em sua composição elementos como a cola, a farinha e tintas diversas.

A constante, em todos esses exemplos da lúdica da Baixada Fluminense é o ritmo com que são feitos e colocados no mercado. Uma velocidade acentuada determina uma produção em massa. Um ou outro artesão tem a preocupação de não repetir os modelos ou colocar a sua marca pessoal. São, quase todos eles, brinquedos feitos em série, com uma execução de poucos dias ou às vezes - horas.

Em nível de forma e conteúdo, são modelos vindos de outros Estados, do Nordeste, na sua grande maioria, ou mesmo de Minas Gerais, trazidos pelos migrantes. Dificilmente se poderia apontar um brinquedo, como sendo originário da Baixada Fluminense.



Mesmo em outras partes do Estado do Rio, verifica-se a presença de alguns deles: São os ratos de espuma e os aviões de isopor. E há também os brinquedos de caráter mais universal, como a pipa, a bola e os cataventos. Um ou outro detalhe diferencia sua aparência dos demais brinquedos, de outras partes do Brasil.

Pode ser observada a presença de brinquedos industrializados, de plástico na sua maioria, nas feiras da Baixada.

Colocados ao lado dos artesanais, às vezes até na mesma barraca, pelo próprio artesão, eles tinham uma saída muito grande, talvez superior aos feitos a mão.

E a comercialização, como é feita? De que maneira são vendidos?

Da matéria-prima primitiva ou a de tratamento mais sofisticado, todos eles convergem para a feira, onde são expostos e vendidos.

Domingo é o dia de feira, por excelência, se nas feiras do município de São João de Meriti.

Geralmente os artesãos trabalham em três ou cinco feiras da região, num constante mercado circulante, alternando, saindo dos limites do próprio município e às vezes se deslocando do eixo e indo mais longe, para a periferia e bairros mais distantes: São Cristóvão, Central do Brasil, etc.

Houve casos de artesãos que moram fora do circuito da Baixada, mas seu comércio é quase todo feito diretamente nas suas feiras.

Na sua grande maioria, eles vendem sem ajuda de agentes ou intermediários. Quando isso acontece é porque preferem se manter clandestinos. Ou então, utilizam as crianças como vendedores.

Dois dos informantes não vendem em feira. É o caso de **Adauto Alves Pequeno**, que vende suas marionetes, máscaras e cerâmicas em casa, para conhecidos e por encomenda. E também o menino Anderson, do Colégio Leopoldo, de Nova Iguaçu, que sem deixar de fazer o seu comércio e obter seu lucro, prefere a sua rua e o muro de sua casa à barraca ou chão na feira.

O preço dos brinquedos, de uma maneira geral vai de 10 a 300 cruzeiros. No caso das crianças, elas não têm quase nenhuma participação no lucro, pois o ganho é endereçado à renda familiar.

Os adultos, também consomem o lucro, ou na compra de gêneros de primeira necessidades, ou nos ganhos da casa. Em alguns casos, parte do dinheiro tornam a investir na compra de material. Foi visto que o custo da mercadoria é proporcional ao da matéria-prima.

E quase todos eles ressaltaram o aumento do custo de vida nos seus aspectos mais variados: eletricidade, gás, transporte, material.

A oficina do artesão de brinquedos é geralmente sua própria casa. Algumas mais equipadas de ferramentas, máquinas e material, outras menos.

O percurso do transporte das mercadorias até a feira é feito geralmente de ônibus, às vezes até dois, dependendo da localização da casa do artesão.

Eles se locomovem continuamente, carregando suas sacolas, caixas e cestos nos ombros e nas mãos, junto ao grande movimento e ritmo das feiras.



São as crianças, naturalmente, os maiores consumidores de brinquedos. Mas, como foi dito por uma artesã, são os adultos os verdadeiros compradores. Mas de qualquer maneira os brinquedos artesanais da Baixada Fluminense são produzidos e consumidos pela população local. Dificilmente uma pessoa estranha ao meio é compradora do produto.

Esse tipo de venda tem altas e baixas, como qualquer tipo de mercado. As ocasiões melhores, para o produtor, são as épocas de festas religiosas, São João, Páscoa e Natal, além dos feriados cívicos, como o Sete de Setembro.

De qualquer maneira é um tipo de produção que se adapta às condições locais, ao estilo de vida, às exigências da freguesia, aos recursos naturais e à ocasião. Uma vez que não representa apenas tradição, desde que é uma coisa viva, é também adaptação.

## Conclusão

Vimos que a lúdica da Baixada Fluminense é, em sua maior parte, proveniente do Nordeste, trazida pelas mãos dos migrantes. Vimos também que as técnicas do fazer são elementares, rotineiras, pouco inovando. E o conjunto de processos antigos e tradicionais, passado pelo tempo, adapta-se à situação local.

Ouvimos de cada artesão como nasceu essa vocação. A ação do fazer - voluntária e simples - baseia-se na experiência das mãos, no contato da matéria e com a participação dos grupos humanos.

Embora, de aparência padronizada, há, incrivelmente, em cada peça o cunho pessoal, o estilo do criador. Com cuidado, se verá que não são cópias iguais e uniformes. Cada brinquedo tem uma história e encerra em si elementos diversos da natureza. Para a criança, ele pulsa, como a própria vida. E ao adulto - ele sensibiliza - como a própria infância.

Observamos também, pelos depoimentos dos informantes, que o trabalho artesanal representa uma mudança na qualidade de vida.

Um artesão, ex-internado, revelou convicto, que na sua família, ninguém possuía aquela habilidade, que ela era única e sinônimo de inteligência.

Portanto - o fazer brinquedos - é um ato que edifica, que constrói, ainda que seja mais forma de trabalho pouco reconhecida, quase marginal, sobrevivendo porque as crianças o solicitam.

Mas, apesar da beleza plástica, da pureza e da força com que ainda sobrevive - ouvimos tristes relatos de artesãos, que se confessaram cansados, com pouco estímulo, sem um local de trabalho adequado. Enumeraram uma série de dificuldades objetivas, da saúde precária, à insegurança da região.

Como decorrência - o empobrecimento da própria motivação de criar. Descrentes, alguns deles, querem voltar ao lugar de origem, o mais breve possível.



Ainda que se referisse a uma realidade mais ampla (e menos específica), Roger Bastide, prefaciando Manuel de Souza Barros em "Arte, Folclore, Subdesenvolvimento", assim falou:

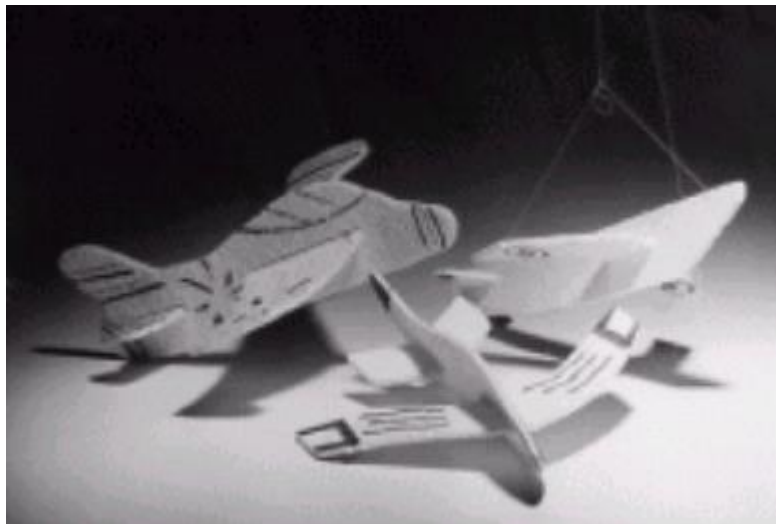
"O desenvolvimento mata o folclore ou, mais exatamente, não permite que ele subsista, senão em certos setores, cada vez mais reduzidos da população, como seja, o grupo infantil ou as sociedades, nas grandes cidades, o folclore, o excesso de miséria o faz mais rapidamente, ainda.

O folclore, com efeito, pressupõe a existência de comunidades de *folk*, organizadas e estruturadas, capazes de manter uma tradição através dos tempos e de se expandirem, espiritualmente, pela renovação, de uma geração à outra.

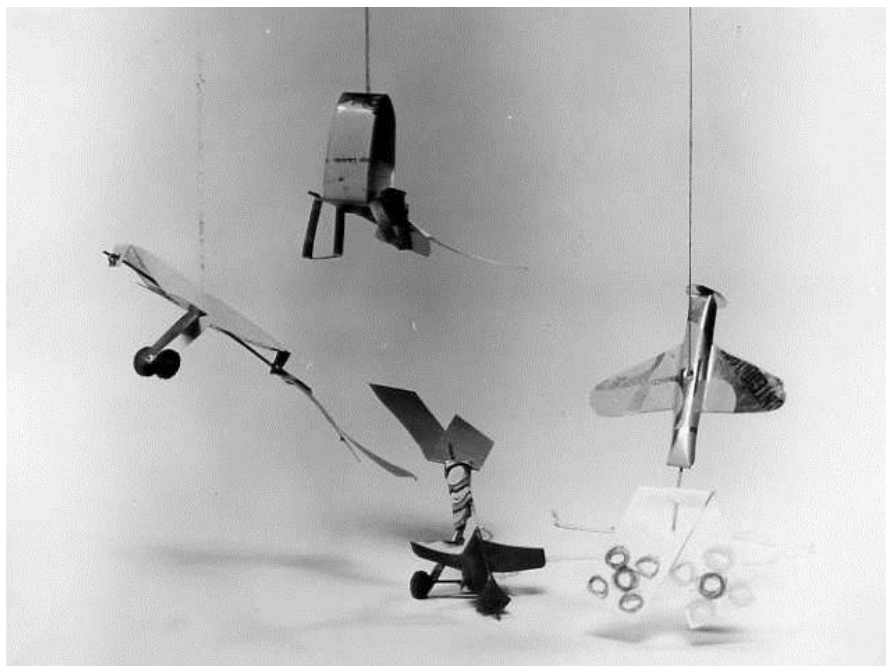




## Fotografias



**Aviões de isopor, encontrados em várias feiras da Baixada Fluminense.**



**Aviões e helicópteros de lata  
Autores e locais diversos.**



**Bola de plástico**  
**Autor: Josafá Silva - de BelFord Roxo.**



**Boneca de pano**  
**Autora: Dona Rita "Paraíba" - Caxias.**



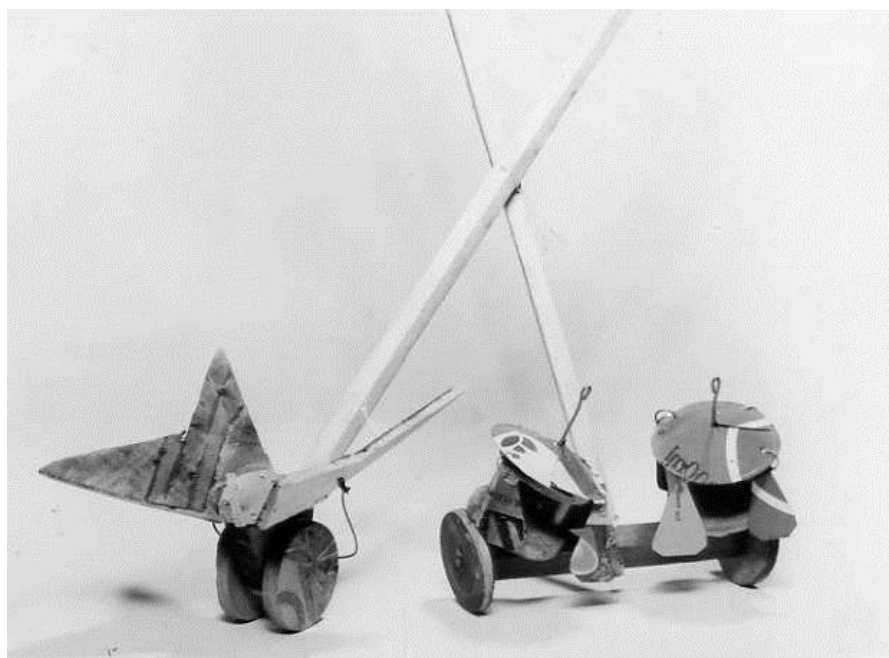
**Calhambeque de lata**  
**Autor: Desconhecido.**



**Caminhão de lata**  
**Autor: Zé Maria, paraibano, do Jardim Bom Pastor.**



**Carro de lata de óleo**  
**Autor: José Cosme Pereira, do Jardim Bom Pastor.**



**Carrossel e borboleta**  
**Feitos de madeira de caixote - Queimados e Mesquita.**



**Cataventos de papel,  
Autores diversos, presente em quase toda a Baixada.**

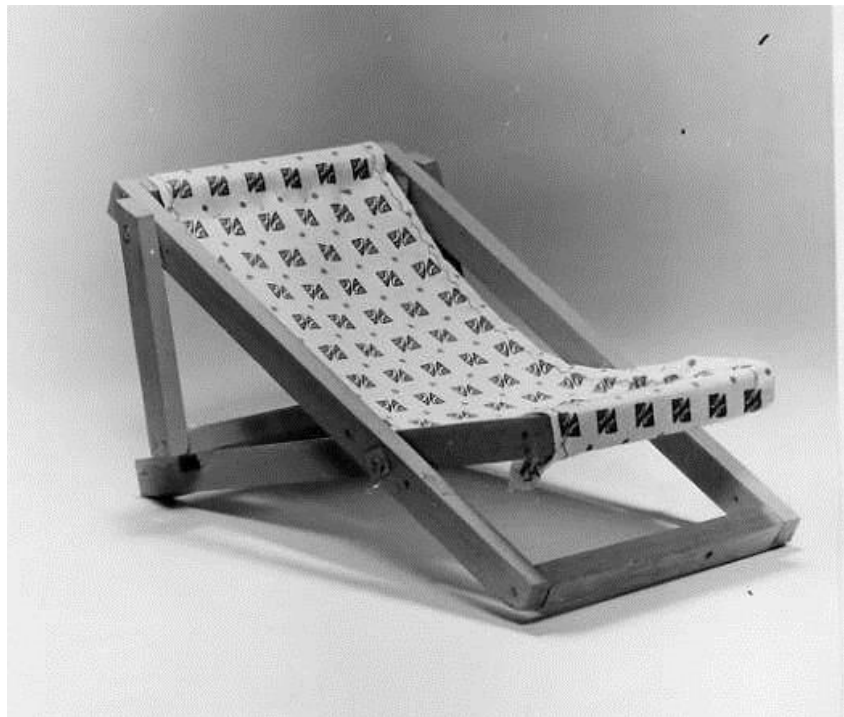


**Cigarras ou Rói-Rói  
Encontradas em quase todas as feiras da Baixada. Autores diversos.**



**Cofre de madeira**  
**Autor: Senhor Washington, encontrado em Belford Roxo.**

**Espreguiadeira de madeira e pano**  
**Autor: Clóvis Barreto, na Posse, Nova Iguaçu.**



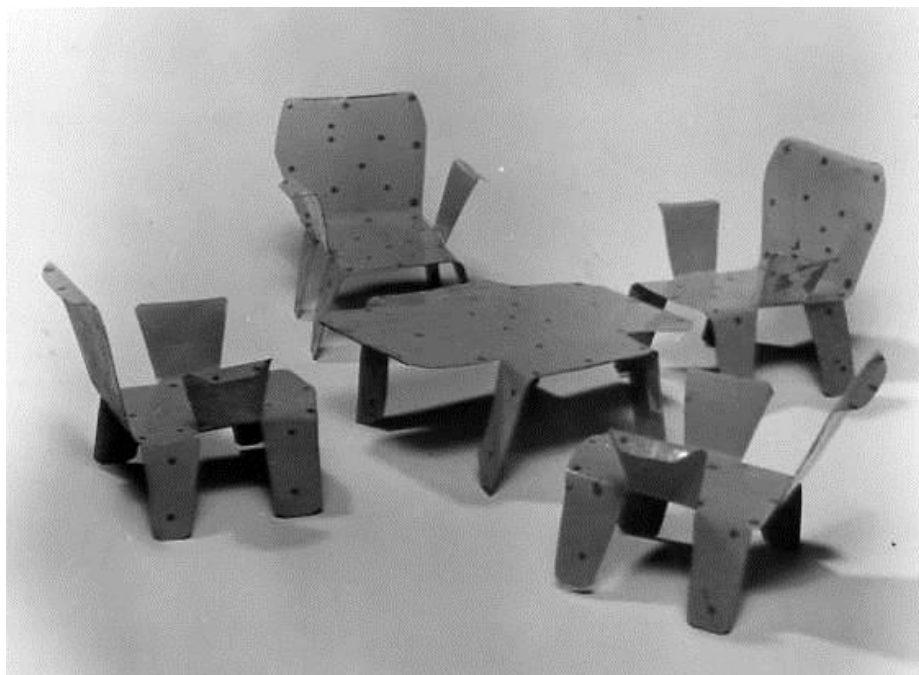




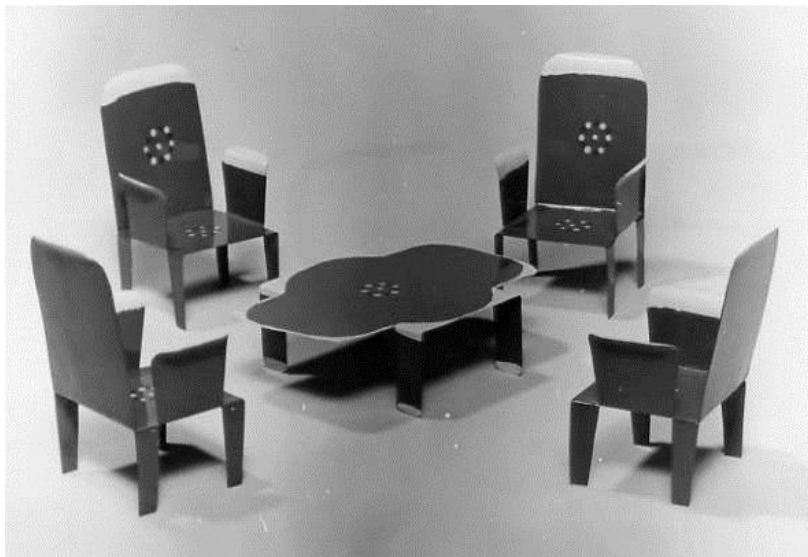
**Macaco de barro**  
**Autor: Alexandre de Miranda, Caxias.**



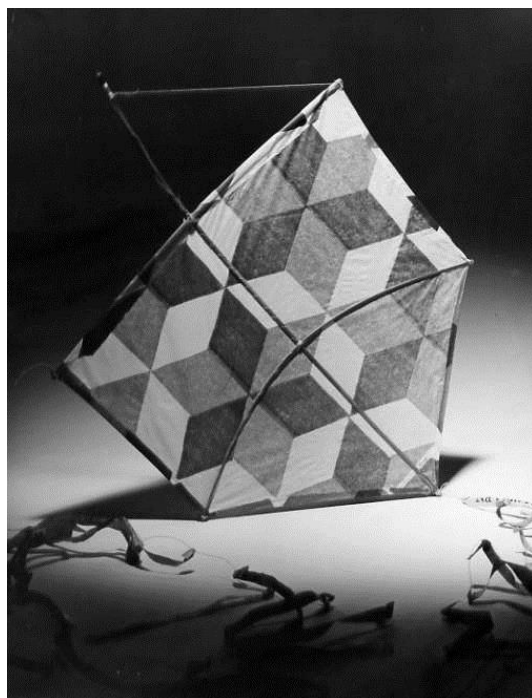
**As marionetes de Adauto Alves Pequeno  
Vila Iracema, Nova Iguaçu.**



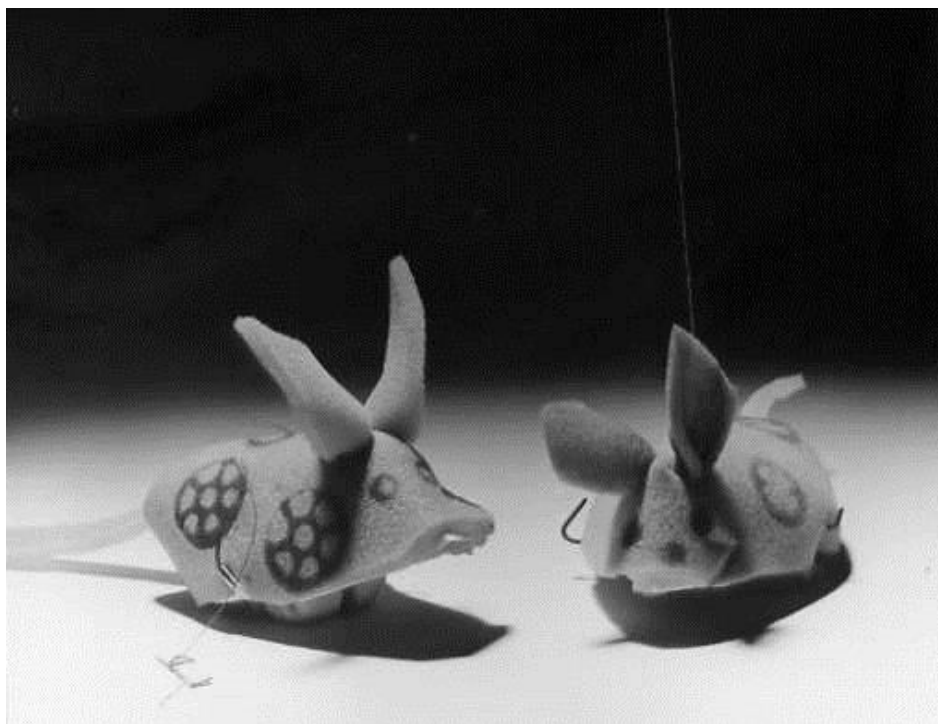
**Mobília de lata.  
Autor José Cosme Pereira.**



**Mobilia de lata**  
**Autor:Roberto da Silva, na feira de Mesquita.**



**Pipa de autoria de Anderson, do Colégio Leopoldo em Nova Iguaçu.**



**Ratos de espuma com papelão e barro  
Encontrados em diversos locais de Belford Roxo e Queimados.**

## Bibliografia

**BARROS**, Manuel de Souza. *Arte Folclore, Subdesenvolvimento*. Ed. Civilização Brasileira, 2ª edição, 1977.

**CASCUDO**, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Instituto Nacional do Livro, MEC. Rio de Janeiro, 1962.

**CRUZ**, Acrísio. *Carência Lúdica e Escolaridade*. In Neurobiologia. Recife, 1945.

**FROTA**, Lélia Coelho. *Mitopóetica de Nove Artistas Brasileiros*. Edição Funarte, Rio de Janeiro, 1978.

**LIMA**, Rossini Tavares de. *Abecê do Folclore*. Ricordi. São Paulo, 5ª edição, 1972.

**MARTINS**, Saul. *Arte e Artesanatos Folclóricos*. Cadernos de Folclore – 10. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro.

**MARTINS**, Saul. *Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

**MEIRELES**, Cecília. *Brinquedos Esculpidos*, in Artes Populares – As Artes Plásticas no Brasil. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1968.

**PEDROSA**, Mário. *Arte Infantil*, in “Dimensões da Arte”. MEC – Serviço de Documentação, 1964.

**PEREIRA**, Waldick. *Cana, Café, Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. Fundação Getúlio Vargas, SEEC, Rio de Janeiro, 1974.

**SOUZA**, Percival de. *A maior Violência do Mundo*. Baixada Fluminense. Traço Editora. São Paulo, 1980.

